Revelação

Jornal-laboratório do Curso de Comunicação Social

UNIVERSIDADE DE UBERABA

Ano V • nº 204 • Uberaba/MG • de 22 a 28 de abril de 2002

A HISTÓRIA DO ZEBU PELAS MÃOS DE UM BOIADEIRO

Chico Cavalcante transportou rebanhos para todo o Brasil

págs. 6, 7 e 8

Embalos

Jovens preparam-se para três dias de farra

págs. 4 e 5

Sociedade

Prostituição aumenta durante período de festas

págs. 10 e 11

Mídia

Estudantes satirizam consumismo infantil

pág. 12

issuu-downloader.com

Artigo

Do outro lado do oceano

Renato Carreira

Pediram-me para escrever um texto sobre o modo como um português vê o Brasil neste ano da graça de 2002. Aceitei quase sem pensar. Não é assim tão difícil. Afinal, é o Brasil. Todos os portugueses conhecem bem o Brasil... ou será que não conhecem? As dificuldades começam na altura de passar os dedos sobre o teclado do computador. Por onde começar? Afinal como é que um português jovem (mais ou menos) vê o "país irmão" no início do séc. XXI? A resposta não é animadora. Faço um esforço para pensar o Brasil sem os estereótipos do costume e chego a uma conclusão terrível. Se puser de lado o futebol, o Carnaval, a música, as novelas (que aqui levam o prefixo "tele", não sei porquê) o que resta?

Resigno-me a aceitar a realidade dolorosa de que afinal não sei tanto acerca do Brasil como inicialmente pensava. Mas a culpa nem é minha. A culpa é sempre de quem manda e, se para os brasileiros, Portugal é um país algures na Europa de onde vieram uns barbudos nas caravelas para oferecer doenças aos índios e que mais tarde começou a exportar padeiros com sotaques estranhos e com bigode em vez de barba, a culpa é das autoridades portuguesas que, apesar de muito falarem nisso, não fazem o mínimo esforço para dar a conhecer o Portugal verdadeiro aos "irmãos" dos trópicos. O mesmo se aplica se invertermos a questão. Se hoje em dia, o português médio não hesitará em apontar Betty Faria ou Lima Duarte como ícones culturais brasileiros, a culpa será de quem manda no Brasil e não se preocupa em substituir os estereótipos pela realidade.

Resigno-me a aceitar a realidade de que afinal não sei tanto acerca do Brasil como inicialmente pensava

Mas há sempre os laços históricos e esses ninguém pode negar. Nesta altura do ano fala-se muito do confronto entre adeptos do "descobrimento" do Brasil e adeptos do "achamento". Até já há quem seja adepto da "invasão" pura e simples, como pude ler num artigo publicado aqui neste jornal numa edição recente. Será que não temos nada mais importante para discutir? Faltam adjectivos para qualificar o ridículo de uma discussão acerca dos direitos ultrajados dos pobres nativos despojados das suas terras feita entre os descendentes dos europeus que ficaram na Europa a morrer de fome e peste e os descendentes dos europeus que colonizaram o Novo Mundo e que ocuparam a terra e ultrajaram ou ajudaram a ultrajar os direitos dos tais nativos. Se pensarmos nisso, faz tanto sentido como um debate entre os italianos e os israelitas modernos para encontrar os responsáveis pela crucificação de Cristo.

Pondo os laços históricos de lado para evitar polémicas inúteis, que mais sei eu do Brasil? É um país grande, um dos gigantes do mundo, país "em vias de desenvolvimento", expressão simpática para qualificar países que provavelmente não se vão desenvolver tão cedo, destino que partilha com todos os países que tiveram o azar de ser incluídos no "império português"... e tem bons jogadores de futebol... músicos e actores de novela. E pronto. Já caí no estereótipo outra vez. Mas deve haver mais qualquer coisa. Acredito que sim. Por exemplo, há a simpatia que os brasileiros têm pelos irmãos deste lado do Atlântico. Basta ver os nomes dos clubes de futebol. Até têm uma Portuguesa e um Vasco da Gama (futebol, mais uma vez) e como prova uma certidão de nascimento com 500 anos guardada algures na cidade de Sines, não se pode ser mais português do que Vasco da Gama. Mas agora que penso nisso nem percebo porquê tanta conversa sobre o futebol brasileiro. Afinal, o melhor jogador do mundo, com direito a certificado emitido pela FIFA, é português e não fosse a fragilidade dos avançados brasileiros que caem por qualquer coisinha, nós até tínhamos ganho aquele bendito jogo...

Renato Carreira, 24, é um dos grandes navegadores portugueses da atualidade. Mas seus mares são outros. Renato navega pela Internet e edita sítios hilários como o www.inepcia.cjb.net. Reside na cidade de Amora, em Portugal. O artigo foi enviado por e-mail.

OMBUDSMAN

Magistério crítico

Newton Luís Mamede

A educação escolar ou a prática pedagógica institucional tem, no magistério, o seu executor, o seu elemento primordial. A ação e missão de formar o homem, de conduzi-lo pela inteligência e pela consciência, constituem o núcleo do exercício do magistério, a sua essência, a sua identidade. Ação e missão de formar e instruir, de informar e educar. Complexo trabalho de construção do homem.

Entendido sob esse aspecto, é preciso, primeiro, destruir alguns *mitos* que envolvem o magistério. Ele não pode ser considerado mera transmissão de conhecimentos, de informações ou de "curiosidades" culturais. Mais ainda: ele não pode ser entendido como atividade comercial de "venda" de cultura ou de saber. Escolas não podem ser estabelecimentos comerciais que têm, nos docentes, os "corretores de ensino". E, por último, o magistério não pode ser visto como "fuga", como trabalho mercenário, como exercício profissional provisório de quem ainda está estudando em universidade ou de quem não encontrou emprego noutras áreas, para as quais se habilitou, nem como atividade complementar de exercício profissional, para simples "engorda" do orçamento.

Escolas não podem ser estabelecimentos comerciais que têm, nos docentes, os "corretores de ensino"

Esses mitos estragam o magistério, desvalorizam-no, humilham-no e descaracterizam-no. Esses mitos campeiam em escolas de ensino fundamental, médio e superior, e as transformam em entidades congêneres às de atividade comercial. Esses mitos são os responsáveis pelo ensino de baixa qualidade, pela formação intelectual superficial e deficiente, pela formação de simples "robôs culturais".

O magistério verdadeiro, real, legal e honesto é, acima de tudo, crítico. Crítico em sentido pleno, filosófico, de questionar, de interrogar, de examinar, de analisar, de problematizar, de procurar o certo, de destruir o erro e de construir a verdade. Crítico no sentido de inquirir cientificamente o valor e o âmbito verdadeiro e certo do conhecimento. Crítico na acepção de revolucionário, de subverter a ordem da ignorância, da acomodação, da alienação e da injustiça, e de estabelecer o saber intelectual, a ação fecunda, a consciência esclarecida e a prática da justiça.

O magistério crítico é o exercício de perpétuo questionar. A começar pelo questionamento de si mesmo. De seus desvios e de seus vícios, como os enumerados acima, sobre o que não pode ser o magistério. E de sua realização ideal, de seus objetivos e fins, de seu sentido ontológico, de sua essência. O magistério crítico é o eterno construir, ou o perpétuo destruir e construir. O magistério crítico não é acomodado, não se esgota, nunca está *satisfeito* com o que já fez, porque seu fazer não acaba, é infinito. Por isso, ele é humilde. Por isso, ele é honesto. Por isso, ele é confiável.

O magistério crítico não tem campo limitado. Vai da *pré-escola* à universidade, da alfabetização à pós-graduação. Porque o seu objeto é a educação plena, integral. A formação do homem completo. Educação e formação que acontecem e repercutem por toda a vida.

Newton Luís Mamede é Ombudsman da Universidade de Uberaba

ERRAMOS

O termo heliocentrismo foi utilizado incorretamente na matéria "Cadê o Brasil (pág. 4) da edição anterior. O uso correto refere-se à teoria defendida por Copérnico (astrônomo polaco, 1473-1543) que considerava ser o Sol o centro do nosso sistema astral.

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba

Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Supervisão de Edição: Celi Camargo (celi.camargo@uniube.br) • • • Projeto Gráfico: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) • • • Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) • • • Coordenadora da habilitação em Jornalismo: Alzira Borges da Silva (alzira.silva@uniube.br) • • • Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Érika Galvão Hinkle (erika.hinkle@uniube.br) • • • Professores Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Vicente Higino de Moura (vicente.moura@uniube.br) e Edmundo Heráclito (heraclit@triang.com.br) • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Distribuição: Assessoria de Imprensa • • • Reitor: Marcelo Palmério • • • Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • • Impressão: Jornal da Manhã

Fale conosco: Universidade de Uberaba - Depto. de Comunicação Social - Bloco L - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • • • Tel: (34)3319-8952 • • • http:/www.revelacaoonline.uniube.br

As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores.

issuu-downloader.com

Afinal, o Brasil foi descoberto ou achado?

A historiadora Eliane Marquez esclarece a polêmica e explica como os portugueses chegaram até aqui

Alessandra Mendonça
6º período de jornalismo

No dia 22 de abril é comemorado o "Descobrimento do Brasil". Neste ano o pais completa 502 anos. É uma data que lembra a chegada dos portugueses no país, porém pela lógica das coisas, as terras brasileiras já haviam sido descobertas e habitadas pelos índios muito antes dos portugueses pensarem em expedições marítimas. Portanto,uma questão que há muito tempo vem sendo discutida não é sobre quem chegou primeiro ao país, e sim, se os portugueses descobriram as terras por acaso ou não.

Existem duas hipóteses cabíveis para esta questão: a primeira, defendida pelos livros de história, seria a casualidade. A frota de Pedro Álvarez Cabral teria se afastado de sua rota e, involuntariamente, encontrado a costa brasileira.

A segunda seria a intencionalidade, defendida pelos estudiosos do assunto. Portugal sabia da existência de terras a Ocidente desde 1492, quando Cristóvão Colombo chegou à América e trataram de garantir parte das terras através do Tratado de Tordesilhas, em 1494.

Segundo a professora do curso de História da Universidade de Uberaba, Eliane Marquez, a hipótese de que o Brasil foi descoberto por mero acaso foi desmistificada e vários fundamentos, segundo ela, provam que Cabral já sabia da existência de terras brasileiras.

A hipótese de que o Brasil foi descoberto por mero acaso foi desmistificada

Um dos fundamentos, de acordo com a professora, é que a esquadra de Cabral era a mais sofisticada, que dispunha de mais marinheiros entendedores do espaço e estudiosos da navegação. De todas que Portugal mandou além-mar.

A frota de Pedro Álvarez Cabral era a maior e mais bem equipada a zarpar dos portos ibéricos até então. Eram ao todo 1500 pessoas, viajando em 10 naus e três caravelas, entre comerciantes, condenados, religiosos, soldados e representantes da nobreza..

A outra hipótese que Eliane citou foi a carta de Pero Vaz de Caminha: " a carta de Pero Vaz de Caminha é a certidão de nascimento do Brasil e ficou muito tempo desaparecida por causa do terremoto que teve em Lisboa. Foi redescoberta no século XIX. Nela Vaz de Caminha escreve: *aquilo que se esperava achar foi achado*".

Depois de toda esta explicação, nota-se que não houve descobrimento, houve ocupação das terras que eram dos índios. Os portugueses tomaram posse de um local que já tinha dono. Enquanto os índios entregavam suas terras sem saber, em troca, os estrangeiros deram doenças, trabalhos forçados e fome.

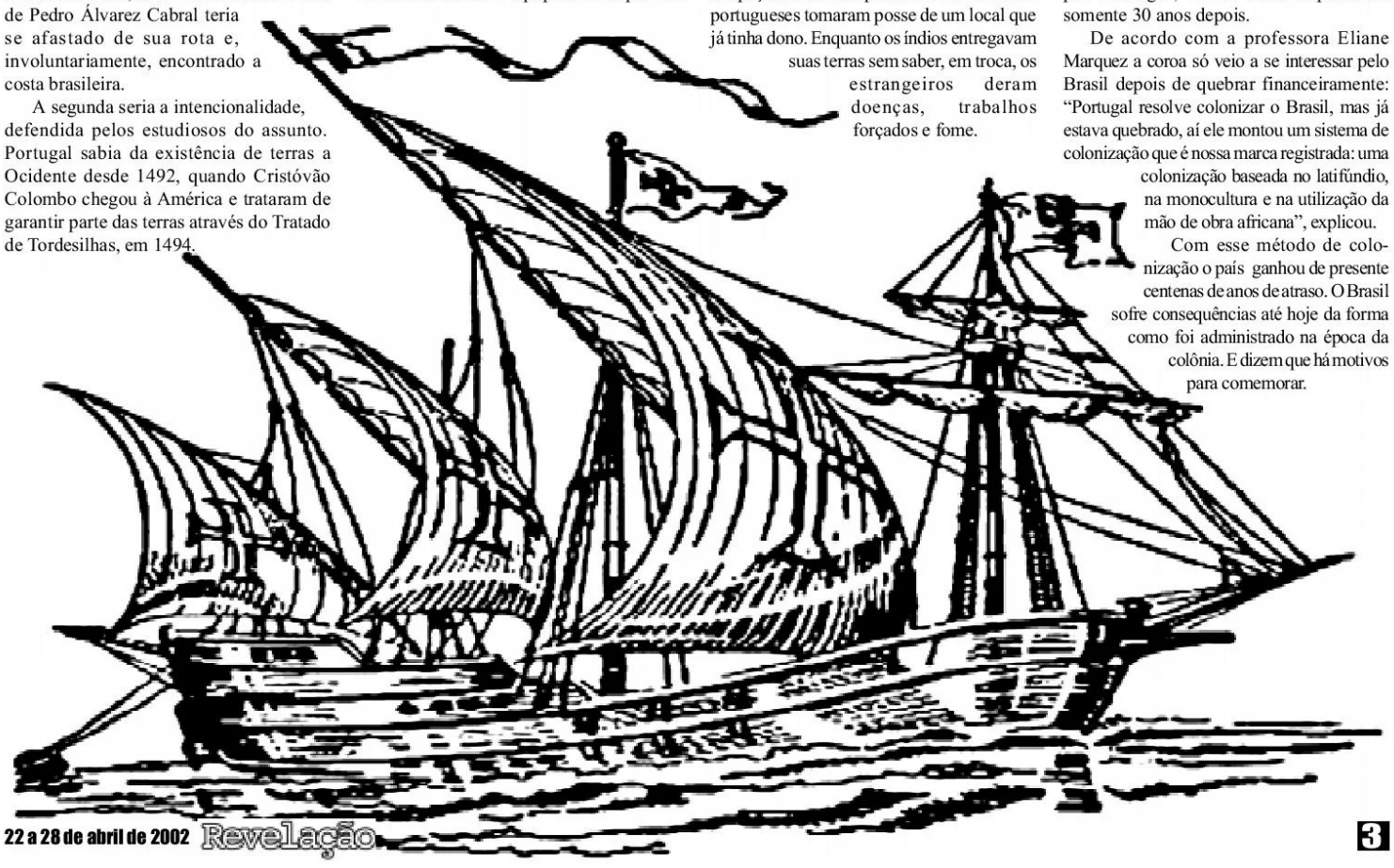
A decepção

A primeira vista os portugueses encontraram bastante terras, uma civilização de selvagens e nada de metais preciosos ou algo que gerassem lucro. As notícias que chegavam a Dom Manuel não correspondiam às expectativas da coroa. Não apontavam a existência de riquezas de interesses no território onde, apenas nativos habitavam.

Na época da ocupação do Brasil existia na Europa uma doutrina econômica chamada mercantilismo, cuja filosofia era de que, quanto mais colônias e mais metais preciosos se extraíssem deleas, mais rica seria a metrópole. No entanto os portugueses não encontraram nada do que procuravam, por esta razão as terras brasileiras foram praticamente esquecidas por Portugal, vindo a ser exploradas somente 30 anos depois.

De acordo com a professora Eliane Marquez a coroa só veio a se interessar pelo Brasil depois de quebrar financeiramente: "Portugal resolve colonizar o Brasil, mas já estava quebrado, aí ele montou um sistema de colonização que é nossa marca registrada: uma colonização baseada no latifúndio, na monocultura e na utilização da mão de obra africana", explicou.

Com esse método de colonização o país ganhou de presente centenas de anos de atraso. O Brasil sofre consequências até hoje da forma como foi administrado na época da colônia. E dizem que há motivos para comemorar.



issuu-downloader.com

Vale Tudo

Festas sem censura atraem jovens

Jovens mergulham por três dias no mundo da farra, onde tudo é premitido

Ricardo Bavaresco
7º período de Jornalismo

Nos dias 26, 27 e 28 a juventude que compõe a elite uberabense é só adrenalina. O motivo de tanta excitação está nas festas da Marcinha, Tim e da Nega Pável, que viraram tradição e atraem, anualmente, um público em torno de cino mil pessoas, vindas de toda a região do País. As festas marcam também a abertura do calendário do melhor período para o turismo e o agronegócio que são movimentados durante os 10 dias da Expozebu (Exposição Internacional de Raças Zebuínas), no Parque Fernando Costa.

Para ter acesso aos três dias de festas o convidado deve desembolsar R$ 170,00, no caso de mulheres, ou R$ 200,00, no caso de homens. Este ingresso garante a diversão que começa à noite e só termina no outro dia, depois de servido o café da manhã. Para embalar os ânimos e fazer jus ao preço pago pela entrada, as bebidas, desde destiladas, passando por cerveja, energéticos, refrigerantes e água, são distribuídas. Ao embalo de bandas ou de som mecânico, a juventude solta os bichos,

O slogan "sexo, droga e rock in roll" empregado durante os anos 70 para definir a filosofia dos jovens radicais, pode ser justamente aplicada a estas festas. Pelo menos é o que deixa claro alguns jovens entrevistados, que têm presença confirmada, anualmente nestes eventos. O estudante J.V.B.S. de 21 anos disse que conseguir drogas dentro das festas não é fácil, mas também não é difícil. "Várias pesssoas levam, geralmente lança-perfume, maconha e o êxtase que são mais fáceis de transportar. Os próprios seguranças, por uma falta de uma revista, acabam deixando passar" .

Muitos convidados não deixam passar nada, quando o assunto é sexo. O estudante de engenharia civil H.L.C.N, de 23 anos já flagrou cenas inusitadas. "Alguns casais mais excitados às vezes entram naquelas gabines de banheiro ou então vão para o canto da cerca, e ai, de vez enquando acontece. As pessoas tentam ser descrertas o maximo póssivel, mas a gente percebe".

Para as mulheres estas festas tem um motivo a mais além da descontração: é o momento da paquera. Muitos homens vindos de fora proporcionam uma variedade na escolha do namorado ideal. Para a conquista elas jogam todo o charme, investindo no requinte da moda. É o caso da universitária T.P.S de 21 anos, para quem as festas requerem todo um preparativo, uma produção diferente. "A expectativa é grande porque vem muita gente de fora e nós não sabemos quem vamos encontrar. Aí a gente recorre para a maquiagem, a roupa da moda... a gente ousa mais no visual".

arquivo pessoal

Marcelo Augusto é sócio e proprietário de empresa de eventos

Segurança da festa

Estas festas são realizadas por promotores de eventos daqui de Uberaba e de Ribeirão Preto. Marcelo Augusto Teodoro de Andrade, sócio e proprietário da PRÓ Eventos, empresa envolvida na promoção desses eventos, disse que obtem, geralmente, um lucro de 30% do total arrecadado. A segurança da festa é de responsabilidade dos promotores e quanto ao uso de drogas e a prática de sexo explícito, ele informou que o pessoal que quer fazer coisas erradas, fazem. "É muito difícil você controlar uma festa com quatro mil pessoas, isso só acontece se tiver o mesmo número de seguranças , um por conta de cada pessoa então isso é humanamente impossivel".

Marcelo diz que é inevitável o excesso de bebidas e nestas condições pode ocorrer alguma briga. Quando isto acontece as pessoas culpam a organização. "Nós levamos a culpa, pois somos pixados como culpados de tudo. Nós não podemos ser responsáveis por todos que entram na casa, tentamos fazer o melhor. E quando detectado o problema o solucionamos, conclui o organizador da festa.

PM reforça segurança

Wesley Jacinto
7º período de Jornalismo

Na última semana do mês de abril os ares da cidade de Uberaba mudam. O clima de outono é embalado não só pelos ventos, mas pelas festas que acontecem em dias seguidos. Três delas, de menor proporção, ficam pequenas apenas diante da Expozebu – exposição agropeuária que reúne criadores da raça zebuína de todo mundo – mas proporcionalmente grande por serem festas privadas, voltadas para elite de Uberaba e região. As festas da Marcinha, do Tim e da Alegria conquistaram até um espaço no calendário turístico da cidade.

Manter a segurança durante esses dias é o grande desafio para a Polícia Militar. No ano passado vários incidentes, principalmente no trânsito envolvendo jovens alcoolizados e visivelmente drogados, foram registrados. A festa para muitos deles foi interrompida no segundo dia quando eles acordaram da ressaca dentro de uma cela. De acordo com o Ten. Cel. Emanuel da Paixão Kappel, que é comandante do 4∞ Batalhão da Polícia Militar de Uberaba, os crimes mais frequentes são ocasionados devido ao uso de drogas, incluindo a própria bebida alcoolica.

As estatísticas da PM mostram que no período de 25 a 29 de abril do ano passado foram registradas 101 ocorrências entre abalroamento, queda de veículo, atropelamento de pessoa; choque mecânico; colisão de veículos; falta de habilitação e outras infrações de trânsito. Quanto aos delitos envolvendo drogas, diretamente, a Polícia não registrou nenhum neste período, mas nem por isso Uberaba está livre de ser considerada uma cidade livre do tráfico. No ano passado foram apreendidos 41 menores e presos 239 adultos enquadrados por tráfico.

É cobrada taxa de segurança pública para qualquer evento particular que exige reforço da polícia

Para conter o índice de criminalidade neste período em que a movimentação é maior, a PM aumenta a carga horária dos militares que se revesam em policiamento ostensivo de 24 horas/dia. A concentração maior de policiamento fica em torno do local onde ocorre a festa e nos pontos onde a criminalidade é registrada com maior frequência.

Barrados no baile

Para a Polícia Militar a ação em festas privadas é limitada. Confome explicou o comandante Kappel em eventos públicos, a polícia tem o direito de entrar para combater qualquer situação danosa. Já no caso de festas particulares, realizadas em locais mais afastados da cidade, a PM só pode entrar se ela for aberta ao público, caso contrário, somente se for acionada pelo responsável. "Nesses eventos, no qual a festa é particular, é muito pequena a possibilidade da PM participar. Quando é solicitada ela participa e busca orientar, porque a responsabilidade é de cada um" disse.

De acordo com Kappel, qualquer tipo de evento que exige da polícia o reforço, se não for entidade filantrópica ou pública, é cobrada uma taxa de segurança pública pelo serviço. O comandante ressalta que, caso o pagamento da taxa não seja efetuado, o atendimento no local será como o serviço prestado em dias normais.

A PM montou um esquema especial para atuar no período da Expozebu., junto ao Parque Fernando Costa e nas imediações para garantir maior segurança para todos os participantes. "Já está efetuando blitz nas estradas, em parceria com a polícia rodoviária estadual e federal com a finalidade de dar tranquilidade às pessoas", ressaltou. O comandante disse que no período de exposição e outras festas, imprime cartazes, panfletos e dão orientações a todas às pessoas.

Kappel recomendou que as pessoas façam uso da bebida moderadamente e que estejam sempre em conjunto com outras pessoas para que não possam sofrer ação de marginais após as festas. "É muito importante que as pessoas levem para esses locais pouco dinheiro, procure evitar levar celulares, jóias, relógios, para evitar chamar atenção dos marginais", aconselhou.

issuu-downloader.com

Vale Tudo

Médico adverte para o risco das noitadas

Mistura de álcool, energéticos e noites em claro pode ser fatal

Luciana Souza
7° período de Jornalismo

Uberaba está entrando em uma fase de grandes festas que antecedem a Expozebu. Para os freqüentadores tudo é diversão, no entanto o organismo pode responder de maneiras desagradáveis.

O médico José Umberto Franciscon, formado pela Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro (FMTM), tem 28 anos de profissão e é professor da **Universidade de Uberaba** nos cursos de Odontologia, Enfermagem e Fisioterapia. Ele afirma que no organismo humano existe uma substância que se chama *melatonina*, responsável pelo sono. Cada pessoa tem uma de quantidade de horas necessárias para dormir, quando se perde este ritmo, a *melatonina* se acumula no sangue chegando a um ponto que a pessoa não agüenta mais ficar com os olhos abertos. "É o que ocorre quando alunos vêm para sala de aula e acabam dormindo, ou ficam 'pescando', eles não fazem isto porque querem, mas porque o acúmulo de *melatonina* é tão grande que não se controla", esclarece o médico

Todas as substâncias que têm estimulantes do cérebro afeta diretamente o coração

As festas , como essas que vão acontecer no fim deste mês, costumam oferecer grande quantidade de bebidas e alguns participantes exageram na dose. Segundo professor Franciscon quando acontece o exagero o primeiro órgão afetado é o coração. "Todas as substâncias que têm estimulantes do cérebro oferecendo às pessoas um sentimento de bem-estar, euforia e alegria é um estímulo para os neurônios, afetando diretamente o coração", explica. De acordo com ele, uma simples inalada em um lança-perfume pode ser fatal. "Tem gente que dá uma aspirada em um lança-perfume e cai. Ele não machuca na queda porque está mole, o corpo está sem vida", exemplifica.

"Esta idéia de tomar remédios para evitar ressaca ou ir para o hospital receber glicose na veia é psicológico. Se a pessoa ficar em casa, de repouso, causa o mesmo efeito, a melhora vem do descanso "

Franciscon afirma que tudo que se estimula em excesso, cria-se um processo antagônico. "A área das emoções no cérebro é uma só, se a pessoa estimula muito vai ocorrer uma resposta negativa depois". A ressaca se relaciona ao desgaste físico ocorrido nas horas em que a pessoa estava dançando ou brincando. A dor de cabeça, o mal estar, entre outros sintomas é apenas uma conseqüência da energia perdida.

Para melhorar a ressaca basta somente repouso. "Esta idéia de tomar remédios para evitar ressaca ou ir para o hospital receber glicose na veia é psicológico. Se a pessoa ficar em casa, de repouso, causa o mesmo efeito, a melhora vem do descanso ", explica. A questão dos chamados chás milagrosos fazem as pessoas melhorarem pelo fato de ingerir uma quantidade grande de água e consequentemente urinar mais vezes. "Isto pode ocorrer com qualquer líquido ingerido, refrigerante, chás ou até mesmo a própria água", explica.

O médico destaca que a forma mais correta de ingerir bebidas alcoólicas é devagar para dar tempo de urinar, tomar água e alimentar-se, pois fornece ao organismo energias, glicose, aminoácidos, entre outros elementos que vão ser queimados pelo organismo. Ele lembra que álcool em excesso intoxica. "O nosso fígado é como uma peneira de coar fubá, é um filtro. Tudo que cai no intestino é absorvido pelo fígado, se for muito álcool entope a peneira, este é o maior problema para quem bebe em demasia".

Quando as pessoas vão para festas perdem muito líquido. Ao ingerir bebidas como a cerveja há uma reposição que impede a desidratação. O mesmo não acontece com bebidas destiladas, que concentram maior teor alcoólico.

Segundo Franciscon os jovens que freqüentam estas festas devem se divertir de maneira pausada. "Pulam muito, bebem muito e dão uma paradinha, sentam, vão ao banheiro, deixando o organismo dar uma recuperada". A pessoa que vive constantemente usufruindo de bebidas, drogas, entre outros estimulantes, se prejudicam e com o passar do tempo percebem que já não têm mais a aparência e nem o ânimo de antes. "Todo excesso prejudica", conclui.

Leonardo Boloni

Dr. Franciscon: "Tem gente que dá uma aspirada em um lança-perfume e cai. Ele não machuca na queda porque está mole, o corpo está sem vida"

issuu-downloader.com

História de Vida

O crescimento de Uberaba através do gado

Depois que a raça zebu chegou à cidade ela se expandiu pelo Brasil trazendo progresso para todo o Triângulo Mineiro

fotos: Wagner Ghizzoni

Seu Francisco disse que não ganhou muito dinheiro, mas é feliz

Wagner Ghizzoni Jr.
6º período de Jornalismo

Quando uma dona de casa uberabense é sorteada no carnê do Baú, é comum escutarmos o Silvio Santos falar: "Uberaba, a terra do Zebu, *rarrai*...". A cidade tem o *status* de capital mundial do Zebu, um bovino diferente dos outros pelo cupim (corcova). Isso se deve aos mascates uberabenses, que espalharam a raça por todo o território nacional.

Francisco Cavalcante é um boiadeiro a quem o Brasil deve muito, afinal foi um dos que levaram o Zebu por aí afora

Francisco Cavalcante é um boiadeiro a quem o Brasil deve muito, afinal foi um dos que levaram o Zebu por aí afora. Ele conta como o Zebu fez parte de sua vida.

De acordo com o jornalista Denis Silva, em seu livro **"O caminho das idéias"**, os primeiros registros brasileiros do Zebu, o "gado trazido da Índia, com uma corcova que dava aparência de deformado", datam de 1855, no Rio de Janeiro. Mais tarde, em 1889 o primeiro viajante do Triângulo Mineiro foi à Índia com o objetivo exclusivo de trazer o gado Zebu: Teófilo de Godoy, da cidade de Araguari. Sua façanha foi registrada no jornal Gazeta de Uberaba. Segundo o historiador Márcio Cruvinel, diretor do Museu do Zebu de Uberaba desde 1998, Godoy trouxe um primeiro lote que vendeu rapidamente. Animado, fez outra viagem, agora com o objetivo de comprar Zebu para ele mesmo criar.

A chegada a Uberaba

Mas ainda não seria desta vez que o Zebu seria difundido em todo o Brasil. Isso só aconteceu por volta de 1900. Os irmãos uberabenses Antônio e Zacarias Borges Araújo haviam viajado para o Espírito Santo para visitar os parentes. O trajeto foi feito num barco a vapor. Insatisfeitos com a demora (o barco só saía a cada 15 dias) e com o balanço da embarcação, decidiram voltar para Niterói em mulas. Lá chegando, entraram na fazenda de Manuel Lengruber, onde viram pela primeira vez o Zebu. Ficaram espantados e perguntaram se o proprietário não lhes venderia ao menos um exemplar. Lengruber não vendeu, mas indicou onde poderiam comprar.

Os irmãos Borges compraram o famoso touro "Lontra", da raça guzerá, o primeiro trazido para Uberaba. Hoje existe até um monumento ao famoso boi na praça Dom Eduardo, em Uberaba. Depois de Lontra vieram muitos outros bois, uma vez que a novidade atraia adeptos por onde passava.

Começava assim a trajetória do Zebu no Brasil. Antes, o gado era conhecido apenas em certos pontos do país, mas depois de chegar a Uberaba, o Zebu foi difundido em todo o território. A espécie era vista como uma novidade, uma coisa do outro mundo. Até então o tipo de gado que havia no Brasil era curraleiro, pé-duro, dentre outras espécies euro-péias. "Nas Américas não existiam bovi-nos. Os europeus que trouxeram o gado, mas este foi se degenerando com o tempo. O Zebu daqui é um gado idêntico ao da Índia", explica Márcio Cruvinel.

São homens como ele os responsáveis pela propagação do Zebu no Brasil, e não os "doutores" que apenas fechavam negócios

Réplica de um guzerá, localizado no Museu do Zebu.
O guzerá caracteriza-se, além da corcova pelos chifres grandes.

Uberaba era muito procurada por pessoas de todo o Brasil. É o que atestam as historiadoras Maria Antonieta Borges e Eliane Mendonça Rezende, em seu livro ABCZ- Histórias e Histórias. Elas contam que o Zebu não podia ter escolhido outra cidade se quisesse se tornar um sucesso. Uberaba tornou-se cidade em 1856, e a localização geográfica e a fertilidade das terras traziam brasileiros de todos cantos para cá.

Naquela época, o Brasil vivia um período de tranqüilidade. "Dez anos depois do Brasil passar de Império para República, o Godoy estava viajando para Índia," lembra Cruvinel. A inflação só viria a surgir a partir de 1960. "A Revolução que acontecia na ocasião em Uberaba era a chegada dos trilhos da Mogiana".

A partir deste momento, o Zebu passou a atingir todo o Brasil. Não por causa da Mogiana. O gado ia em barcos a vapor ou em comitivas. O único chefe de comitivas daquela época ainda vivo é Francisco Cavalcante Nascimento. Hoje com 88 anos, "seu Chico" está lúcido e conta a história de sua vida como boiadeiro. Seu nome não está no Museu do Zebu ao lado de Teófilo de Godoy, Pylades Prata, Edilson Lamartine Mendes, João Martins Borges e outros. Talvez porque "seu Chico" não foi um grande criador ou vendedor de Zebu. Apenas um humilde cavaleiro, chefe de comitivas. Mas, são homens como ele os responsáveis pela propagação do Zebu no Brasil, e não os "doutores" que apenas fechavam negócios.

issuu-downloader.com

História de Vida

Chico Cavalcante o comissário do Zebu pelo Brasil

Boiadeiro de Veríssimo conta suas aventuras e declara seu amor a Alda, sua esposa

"Eu passava e essa moça aqui ficava me olhando, olhando o sargentinho. Eu olhei pra ela...e deu casamento"

Wagner Ghizzoni Jr.
6º período de Jornalismo

Ele nasceu em Veríssimo, "aquela cidadona que tem lá", como ele mesmo define. O bom humor é uma de suas características. Os traços de uma pessoa trabalhadora estão na face de 88 anos e nas mãos ainda duras, quando as apertamos para cumprimentá-lo.

Morou na "cidadona" até os 16 anos. As brincadeiras de sua infância eram bem diferentes das de hoje. " Nóis brincava de jogar pião. Era o divertimento maior. E fazia curral pra por o gado dentro. Pegava uma laranjinha e punha quatro pau embaixo e fazia a vaca. O boi nóis fazia cuma laranja maior. Outra diversão era búzio. Pegava quatro grão de milho, pintava eles de preto e ia jogar... O nosso futebol também era diferente, a primeira bola que eu vi, era de bixiga de vaca. Soprava ali, amarrava. Depois fazia bola de meia, depois apareceu bolinha de borracha. Depois apareceu bola de cobertão. Cobertão é bola dessas de hoje, bola de encher com bomba, mais não tinha posto de gasolina". Ele conta que diferentemente de sua infância, o neto tem uma grande caixa só de brinquedos.

Além das brincadeiras, a escola é outra lembrança da infância de Chico. " Eu comecei a estudar entre 9 e 10 anos. Minino naquela época começava a estudar depois dos 6 anos, não é igual hoje, 6 anos minino já escreve. Lá nóis tinha dificuldade em tudo. Professor...e idade, minino tinha que demorá mais um poco pra entrá na escola."

A escola ficou para trás e as brincadeiras também. O menino Francisco foi esquecendo os bois de laranja e cuidando dos bois de verdade. "Eu comecei a trabalhar com 12, 13 anos. Eu vivia andando a cavalo. Quando eu ia fazê 16 anos, até hoje eu não esqueço....o pai comprou 200 boi lá no Veríssimo pra vender no Mato Grosso, e eu fui com ele a cavalo pra Ponta Porã (MS). Chegamo lá ninguém queria comprar zebu, uma dificuladade doida...Aí arrebentou uma revolução, em 1930, parou todo o Brasil. Em Ponta Porã não vendia, fomos atá Bela Vista, também não vendia, fomos sair em Porto Soares, já dividindo Bolívia e Brasil... aí viemos pra Corumbá e não vendia nada. Aí o pai me mandou embora e ficou lá mais uns oito meses, até vender tudo..."

"Chegamo lá ninguém queria comprar zebu, uma dificuladade doida... Aí arrebentou a revolução, em 1930, parou todo o Brasil"

Começava assim a vida de boiadeiro do "seu Chico". Depois dessa viagem ainda viriam muitas. Só interrompeu a rotina quando ele fez 18 anos e veio para Uberaba – onde ficaria morando – para fazer o Tiro de Guerra.

E foi graças a isso que conheceu sua esposa, dona Alda, hoje com 84 anos, sobrinha de Fidélis Reis. Seu Chico conta que se dava muito bem com o sargento do tiro de Guerra e, certa vez, havia um circo na cidade. Como reservistas pagavam meia-entrada, logo foram pedir para o sargento levá-los para ver o espetáculo, este então ordenou que Chico, como seu homem de confiança, levasse os demais soldados pra ver o espetáculo. A conversa foi mais ou menos assim:

-Vem cá, burro! –disse o sargento olhando pro número 12, Francisco Cavalcante.

Ele chegou perto e o sargento continuou:

-Pega esse apito aqui e ocê vai levá essa tropa no circo, e ocê fica sendo o responsável por isso, amanhã nóis tem que conversá...

-Sin sinhô...

"Peguei a turma e prriiiii....bora, marcha, toquei a turma pro circo...cheguei lá e procurei o proprietário do circo."

-Eu quero do senhor uma ala pros soldados, uma ala só nossa, 106 soldados

-Pois não, pois não....

"E eu como sargento pus todos lá no fundo, e fiquei andando, e eles quietinho na arquibancada. Eu passava e essa moça aqui (aponta para a esposa) ficava me olhando, olhando o sargentinho. Eu olhei pra ela....e deu casamento".

Ele demonstra muito amor a mulher e diz que lamenta não poder ter dado a ela o conforto que merecia.

Lógico que naquela época tudo era diferente, certo Seu Chico? "Deu muito trabalho pra chegar perto, o negócio era chegar perto, pois primeiro não deixava. Pra pegar na mão era um custo danado..."

Do casamento tiveram dois casais de filhos, sendo que um homem e uma mulher ainda estão vivos. "Meus dois filhos e minha esposa *é formados* no colégio de freiras (Nossa Senhora das Dores). Então eu digo que só eu posso dar coice aqui, só eu sou burro", brinca seu Chico.

Ele demonstra muito amor a mulher e diz que lamenta não poder ter dado a ela o conforto que merecia. "Eu mais viajava que ficava em casa. Eu tenho que querer muito bem essa moça que me ajudou muito na vida. Eu era bonito, mas era pobre, e ela quis casar comigo. Ela sofreu muito. Porque eu não podia dar o que ela merecia. Então ela ficava em casa cuidando dos filho. E eu trabalhando. E eu não podia aproveitar da mocidade dela, porque como é que eu ia aproveitar? Ia fazer viagens era treis mês, seis mês..."

O Zebu atinge seu auge

As reações das pessoas ao verem o gado Zebu eram de surpresa. Umas boas, outras ruins. O então governador de São Paulo, Pereira Barreto, proibiu seu comércio no Estado. Mas com a intercessão de João Pinheiro e o crescente sucesso do "nosso" Zebu, se viu obrigado a voltar atrás.

A proibição de Pereira Barreto virou música. O compositor uberabense Joubert Carvalho criou o "chorinho" Zebu na Ponta.

Por volta de 1945, o Zebu atinge seu auge. Todo o Brasil já conhecia o gado. O Zebu crescia como uma marca. Além de inspirar músicas, o Zebu patrocinava concursos, abria cassinos, atraía bancos – o número de agências de Uberaba passou de quatro para dez, entre 1935 e 1945.

Em 1946 houve a primeira exposição de gado Zebu. Foi na Fazenda Cassu, de José Caetano. Este homem foi um dos maiores divulgadores do Zebu no Brasil. Chegou a comprar uma capa do jornal Estado de São Paulo para fazer propaganda.

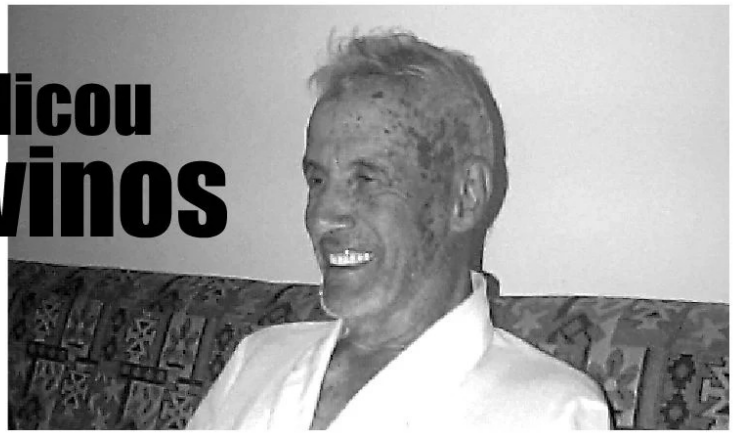
O Parque Fernando Costa, onde acontece anualmente a Expozebu, surgiu em 1935, como sede da Sociedade Rural do Triângulo Mineiro (SRTM). Se hoje é a maior exposição de gado Zebu do mundo devemos muito a pessoas como seu Chico.

issuu-downloader.com

História de Vida

Crise econômica prejudicou comércio de bovinos

Chico Cavalcante não tinha patrão fixo: trabalhava para quem pagava melhor



Wagner Ghizzoni Jr.
6º período de Jornalismo

Depois de casado, seu Chico continuou como comissário de boi. Os patrões faziam a venda e os empregados levavam o gado ou por barco a vapor ou por comitivas, caso do seu Chico. "Ocê gravando isso aí, e eu me gabando, mas modéstia a parte, eu fui muito bão cavaleiro," relembra.

Ele não tinha um patrão fixo: quem o chamava e pagava melhor, era para quem trabalhava. Um dos que mais confiavam no seu Chico era Lamartine Mendes, um dos maiores criadores do Brasil e que dá hoje seu nome ao Museu do Zebu, no Parque Fernando Costa.

"Vou contar um pouquinho do Lamartine..."diz Chico. "Em 1961 veio um deputado lá do Maranhão, chamava Henrique Sach, pra comprar 700 novilhas aqui em Uberaba. Eles iam começá a criá nelore no Maranhão. O Lamartine no dia não tinha 700 novilha, então me perguntou se eu sabia quem tinha e eu disse: 'Adolfo Andrade'. Então no outro dia foi o filho do Lamartine, Edilberto Mendes, o Henrique Sach, e me levaram juntos no seu Adolfo. Depois da compra me contrataram para levar o gado por 10 mil conto, cum a responsabilidade da marca. No começo, o deputado me olhava meio de lado mas o Adolfinho falou: 'esse homem aí conhece de gado mais que eu e o Lamartine. Esse homem aí é o homem de nossa confiança aqui em Uberaba, não é de carregar nosso dinheirinho não, é de carregar nossa família, minha mãe, minha mulher, minha filha'. O home já olhou de uma cara diferente."

A responsabilidade da marca queria dizer que, se um boi morresse, tinha que ser retirada a marca para entregá-la ao dono. Pois assim foi "seu Chico" até entregar todo o gado na ponte do Estreito, que dividia Maranhão e Goiás (hoje Tocantins).

Em janeiro de 1961, Jânio Quadros assumia a presidência da República no lugar de JK. Era um período de grande inflação, conforme documenta o livro **"O caminho das idéias"** (Denis Silva). Em 24 de agosto de 1961, o governador da Guanabara, Carlos Lacerda, denuncia que Jânio estaria dando um golpe de estado. No dia seguinte o presidente renuncia. "Depuseram o presidente, depuseram um outro governador num sei da onde, um soldado brigando com tenente, tenente matando comandante, comandante prendendo delegado, delegado matando juiz, virou uma anarquia...nóis nem sabia purquê, nóis era tudo caipira, bobão, não ficava sabendo nada disso, tinha era medo, escondia nas fazenda...,"lembra Francisco.

Os feitos de seu Chico são mesmo impressionantes. " Eu levei 2 mil novilhas pra Bolívia. Levei 300 touro na água de Uberaba pro Pantanal, do Pantanal pra Rondonópolis....ixi, tem muita coisa." O que mais impressiona não são as distâncias que ele percorreu, mas sim como ele ia: com a cara e a coragem. Um exemplo é essa viagem que ele fez ao Maranhão. O doutor Randolfo Borges conversou com ele:

-Chico, cê vai lá?

-Vou, doutor, se Deus quiser.

-Chico, você sabe que vai levar 700 novilhas no Maranhão?

-Vou, se Deus quiser.

-Você já foi lá?

-Não.

-Alguém te ensinou o caminho?

-Não. Mas, doutor, eu tenho boca, então eu pergunto, eu vou.

-Então vou te ensinar o caminho. Você já viu quando a mulher pega uma galinha pra sapecar, com fogo, ela pega no bico e nas pernas e vai virando pra sapecar?

-Sei.

-Ocê entra aqui no cu dela e sai no bico. Aí cê chega lá.

Esse diálogo foi na frente de diversos doutores da cidade, que deram muita risada. O doutor Randolfo era rico, mas muito simples.

" Eu levei 2 mil novilhas pra Bolívia. Levei 300 touro na água de Uberaba pro Pantanal, do Pantanal pra Rondonópolis.... ixi, tem muita coisa"

De boiadeiro a fazendeiro

Em 1972 seu Chico e a familia foram pro Cisco, um povoado perto de Frutal. Lá ele decidiu não mais ser comissário de boi, mas fazendeiro. "Meu cunhado comprou uma fazenda pra nóis por 220 conto. Naquela época o povo fazia financiamento no Banco do Brasil, cê comprava e o banco financiava. Tínhamos uns 400 e tantos bezerro. Vendemo tudo e em um ano num tinha como pagá o banco. Um dia quando acordei vi meu cunhado, que tinha o apelido de Mascate, feito uma onça fazendo conta. Perguntei que que foi e ele:

-Chico, nóis vai vendê a bezerrada, pagá a prestação, e do jeito que tá o gado, vamo levá mil ano pra pagá nossas dívida.

-Mascate, vamu fazê uma coisa? Eu sô sua muié e o que ocê fizé eu assino embaixo.

-Chico, vamo vendê a fazenda?

-Se eu já falei que sô sua muié.

-O seu Abido disse pra nóis que quando nós quiser vender a fazenda ele compra a fazenda.

-Então vende.

Fomos lá e dissemos: "Seu Abido, a nossa situação é essa, essa, essa, essa."

-Abido sabe. Abido compra fazenda a dinheiro.

-Seu Abido, nós temo que vendê e ir lá pagá o banco, pra poder te dar essa escritura.

-Eu sei que ocês é muito homem, Abido dá o dinheiro, vai lá paga banco.

"Saímo pro Banco do Brasil chegamo lá tá lá um comandante, um coronel, conversando com o gerente. Nóis esperando e o comandante mais o gerente papapá, papapá. E esse Mascate já tava feito uma cobra. Quando eu vi o Mascate levantou e entrou lá dentro:

-O senhor tem muito negócio a tratar co o gerente aí? Se o senhor não tem, o senhor despacha que eu tenho assunto pra tratar com ele.

"O homem "tchap", foi embora. O gerente falou: - o senhor assenta. Eu sentei, o Mascate num quis, falou assim:

-Eu vim aqui pra saber quanto nóis deve no banco. Armelino Almeida Silva e Francisco Cavalcante.

O homem falou qualquer besteira, o Mascate falou: "Num tô lhe perguntando por isso. Tô lhe perguntando quanto nós devemo nesse Banco do Brasil."

-É, mas cês num pode vender a fazenda, num sei o quê...

-Não tenho satisfação a te dar. Tenho que saber quanto eu devo aqui no banco.

"Aí o home bateu a campainha lá, veio um lá, ´vai vê a conta do Armelino Almeida Silva e Francisco Cavalcante´. 200 conto e 20 réis. Mascate falou: "tá pago aqui. Me dá os papéis que eu não devo nada a esse banco. Eu posso vender minha fazenda ou não posso? Eu devo alguma coisa nesse banco? Vambora Chico!"

"Demos a escritura pro seu Abido e sobrou pra mim uma maleita (febre), quatro cavalo, uma cama véia e um Ford 1000.Pra ele acho que não sobrou nada."

A atualidade

Aos poucos seu Chico foi refazendo a vida e, junto com a esposa e os filhos já crescidos, conseguiram o que têm hoje: uma casa na avenida Leopoldino de Oliveira. Na época, foi uma das primeiras casas construídas ali, e hoje está perdida no meio dos edifícios.

Seu Francisco continua inquieto do mesmo jeito, não consegue ficar parado. "Eu tenho 88 anos e meu empregado tem 40 e poucos e eu faço muito mais do que ele....e eu ainda tô com o diabo de uma hérnia aqui (põe a mão na virilha)...eu faço coisa que não posso fazê.....ó o sinal de arame aqui ó, hoje eu já tomei aramada na mão (mostra o sinal)."

A esposa Alda afirma que seu Chico é "elétrico". "Sempre foi assim, o pai dele falava que ele era louco de fazer tudo aquilo, levar gado, dormir no mato, e o pai dele falava que eu era mais louca de casar com um louco".

-Você ganhou dinheiro vendendo gado, seu Chico? – perguntamos.

-Não. Ganhei mas foi poco.

Ao contrário desse ganho, não é pouco o que a ABCZ arrecada em cada Exposição Agropecuária. No ano passado a Expozebu 2001, arrecadou R$ 24,4 milhões, uma média de R$ 939 mil por leilão e R$ 14,4 mil por animal. No show da saideira, onde o ingresso foi um quilo de alimento, mais de 41 mil pessoas estiveram no Parque Fernando Costa, que contava com 120 estandes. A "Essência Guadalupe" foi vendida como a vaca mais cara da história: R$ 840 mil.

E o seu Chico? Nem liga para isso. Só quer saber de curtir seu sitiozinho e a vida com a esposa. "Só tem uma coisa, nois não devemo um tostão a ninguém. Não somo rico, mas nóis dois é feliz".

E quem duvida?

issuu-downloader.com

Golpe na Venezuela envolve interesses políticos e econômicos

Professor venezuelano explica o golpe que acabou frustrado pelo povo

arquivo Revelação

Adrián trabalhou como jornalista durante 12 anos na Venezuela

Fernando Natálio
7º período de Jornalismo

O golpe de estado que o Presidente da República da Venezuela Hugo Chaves sofreu no dia 11 de abril, sendo deposto e dois dias depois, dia 13 de abril, retornando ao seu posto numa reação política e militar inesperada, mostrou a fragilidade da estrutura democrática venezuelana.

A crise vivida neste curto período de tempo, expôs uma situação curiosa e ao mesmo tempo preocupante. Ambos os lados envolvidos na disputa se subestimaram. Esta é a opinião de um venezuelano que vive aqui no Brasil, preocupado com os acontecimentos recentes em seu país. Adrián José Padilla Fernández é jornalista formado na Universidade Central da Venezuela, na capital Caracas, professor de Radiojornalismo na Universidade de Uberaba, mestre em ciências da comunicação pela USP e doutorando na área jornalística também na USP.

O povo via nele a expectativa de uma nova nação, honesta, sincera e sobretudo corajosa

Adrián, que já trabalhou como jornalista durante 12 anos na Venezuela antes de vir para o Brasil, acredita que tanto Hugo Chaves se mostrou confiante demais na sua popularidade junto ao povo, quanto os grupos empresariais, representados pela Fedecámaras, principal associação empresarial, a Igreja católica com quem Chaves teve uma série de desentendimentos e os grupos militares que ajudaram a derrubar o presidente, também não acreditaram que ele teria tanta força assim para recuperar a presidência como aconteceu. "Chaves subestimou seus opositores e eles também o subestimaram", comenta.

Segundo Adrián, este golpe não foi praticado por acaso e nem provocado pequenos problemas. Também não o planejaram em pouco tempo. Para ele, esta situação vem se agravando há muitos anos, principalmente desde 1992, quando Chaves tentou um golpe de estado no dia 04 de fevereiro daquele ano, não obteve sucesso, foi preso durante dois anos, mas começou a aparecer e ficar conhecido em definitivo no mundo e especialmente junto ao seu povo. Conseguiu isto, pois quando o país vivia mergulhado em uma crise de valores, devido a corrupção que tomava conta de lá, ele surge com um discurso inflamado, defendendo uma reflexão e uma reforma na política venezuelana além de uma mudança na maneira de seu povo pensar e agir.

Depois de preso, durante 40 segundos, Chaves assume publicamente em rede nacional que foi o responsável pelo golpe, assume todas as culpas, chama para si a responsabilidade e as possíveis consequências do frustrado golpe. Também afirma, que, por enquanto, esta mudança de rumo do país não podia ser conquistada. Mas essa expressão temporal utilizada sabiamente por Chaves, dando a entender que a desistência da tentativa de golpe e que o recuo de suas tropas aliadas eram apenas momentâneo, e que adiante tentaria novamente esta ação, fica na mente do povo de seu país e passa a alimentar as esperanças daqueles que a partir dali, enxergavam em Chaves um novo herói. O povo via nele a expectativa de uma nova nação, honesta, sincera e sobretudo corajosa.

De acordo com Adrián Fernandez, como Chaves era um tenente coronel das forças militares, sua postura esquerdista não era bem vista pelos militares e por isso, principalmente a alta cúpula militar não gostava dele desde essa época. Já o problema com os grupos empresariais existia há um certo tempo, mas se agravou no período que antecedeu a crise final, principalmente devido a aprovação de duas leis polêmicas que Chaves foi o responsável. Uma lei de terras, uma espécie de Reforma Agrária e uma outra lei, de cunho ambiental, que visava defender o meio ambiente. Todas duas, contrariaram os interesses da Fedecámaras, mais forte associação empresarial venezuelana. "Seu discurso revolucionário não agradava a direita venezuelana", explica Adrián.

Quando o jornalista Adrián opina, dizendo que todos os dois lados envolvidos na disputa, que teve contornos dramáticos e apresentou a queda de Hugo Chaves, para em seguida voltar ao poder, ele se baseia no contexto em que o presidente venezuelano estava inserido. Ele explica que Chaves acreditava que as pressões e críticas que vinha recebendo dos militares era um movimento isolado e que os empresários também não teriam força para derrubá-lo. Se enganou, já que foi vítima do golpe e chegou a ficar preso em um quartel.

"Os opositores de Chaves não achavam que ele ia ser apoiado da maneira que foi e se surpreenderam"

Adrián continua dizendo, que quando altos militares do exército estavam fazendo pronunciamentos contra Chaves, apesar dele achar que eram fatos isolados, na verdade os representantes das forças armadas venezuelanas já estavam planejando a sua deposição. E quando o presidente interfiriu na petroleira PDVSA, mudando a sua direção e gerando a reação da Fedecámaras e da Central de Trabalhadores Venezuelanos (CTV), determinando a greve dos funcionários da empresa, Chaves comprou uma briga muito grande com os empresários, que fugiu do seu controle.

Mas, entretanto, Adrián Fernández diz que os responsáveis pela retirada de Chaves da presidência, também não imaginavam que ele ainda tinha tanta força junto ao povo, principalmente nas camadas sociais mais pobres que lhe davam sustentação e nem contavam com o apoio de parte dos militares que se mantiveram fiel a ele mesmo depois de ter sido deposto. "Os opositores de Chaves não achavam que ele ia ser apoiado da maneira que foi e se surpreenderam", observa.

Foi exatamente utilizando estes apoios que Hugo Chaves se sentiu forte suficientemente e encorajado para recuperar o poder, tirando um dos cabeças do golpe, Pedro Carmona, presidente da Fedecámaras que assumiu temporariamente a presidência em seu lugar. Carmona teve que fugir do palácio do governo por túneis secretos, após terem sido feitas ameaças de que o local seria bombardeado, usando meios não ideais, mas para poder manter a democracia que havia sido gravemente ameaçada.

Assim, mais uma vez, Hugo Chaves se sobrepôs e provou que o "fenômeno Chavismo" como é conhecido na Venezuela, continua forte e resistiu às pressões empresariais e até mesmo militares dos grupos destas classes descontentes com seu jeito de agir e com a sua política. Apesar dos meios de comunicação terem divulgado que a "era Chaves" tinha acabado, Hugo Chaves retornou ao poder graças ao apoio popular que pelos fatos ocorridos e pelo que foi visto pelo mundo neste aconteciemento, continua sólido e resistente.

issuu-downloader.com

Tempos de crise

Mulheres optam pelo sexo para ganhar mais

Atraídas pelo dinheiro elas chegam a fazer 17 programas por noite

Leonardo Boloni
Claudinei Honório
7º período de Jornalismo

Lindo, fofo, moreno e gostoso… na verdade o sujeito nem precisa ser bonito, o que elas querem é chamar sua atenção para poderem ganhar a vida. Elas circulam pelas redondezas do Parque Fernando Costa, avenida Marcus Cherém e casas noturnas de Uberaba. O objetivo delas é ganhar o sustento do seu dia-a-dia.

A profissão tem milhares de anos, mas, elas ainda utilizam a mesma técnica para atrair a clientela. São bem sorridentes e esbanjam charme, tudo para fazer um bom programa. Para elas, a noite não é uma criança, pois o trabalho que praticam neste período só adultos podem testemunhar. Algumas trabalham nas ruas, outras em casas, mas a regra é uma só: precisam estar sempre bem dispostas, caso contrário, perdem o freguês. As casas dipõem de seis a 10 meninas e durante a Expozebu, o número de garotas aumenta chegando a ter de quinze a vinte.

Há mais de doze anos com o ponto localizado próximo a avenida Tonico dos Santos, Paola, proprietária de uma das casas, disse que durante a Exposição, chegam mais garotas para fazer programas, uma vez que há maior procura neste período. Ela cobra R$ 5,00 por um quarto que será locado durante 40 minutos para os encontros. "Meu negócio é o bar e aluguel de quartos", diz.

A 50 metros, no mesmo lado da rua, encontra-se outro lugar tradicional para aqueles que procuram por prazeres sem compromisso. Lá se cobra a entrada para maior controle das pessoas que procuram por diversão. "Assim é mais fácil você evitar algum tipo de problema lá dentro", diz Jonas, que é sobrinho da dona do local. Ele afirma que não há problemas com bebedeiras ou drogas, mas quando alguém passa dos limites, pede para se retirar "na moral". Com o dinheiro da portaria, a casa oferece um *streap-tease*, o programa e as bebidas ficam para os visitantes negociarem, além do quarto utilizado.

Alguns metros adiante, em outra casa, uma morena com belos traços prepara-se para mais um dia. Ou melhor, uma noite, de lida. Ela começou a vida aos 17 anos e hoje já somam 15 de experiência. Muito simpática e atenciosa, Samanta contou que cobra R$ 30,00 por um programa de meia hora, deste total, R$ 5,00 ela paga pelo quarto.

Segundo ela há uma procura de casais por garotas de programa. "As mulheres e seus maridos escolhem uma garota, pagam R$ 150,00 e ficam com ela toda a noite em um motel ou na própria casa dos clientes". Programas como este Samanta disse que não encara. Afirma preferir ganhar R$ 30,00 em uma noite do que R$ 150,00 para ficar com outra mulher. Em dias de grande movimento, ela já chegou a ficar com 17 homens num intervalo de doze horas. Ela ganha R$ 350,00 por semana atendendo desde pessoas de uma classe mais baixa à alta sociedade de Uberaba.

Quando questionamos sobre a preferência por sua companhia, ela afirma: "quem experimentou sempre volta"

Paciente e cuidadosa, Samanta é daquelas que, além de ser profissional do sexo, dá uma de "psicóloga". Há clientes que a procuram somente para conversar, pois necessitam de atenção para seus problemas, e ela ganha pela atenção dispensada.

Ter cabeça. Assim ela define a receita para saber levar o negócio. As humilhações sofridas foram como feramentas para dar a volta por cima e jamais desagradar o freguês. "Tem gente que nos vê como um simples objeto sexual, mas é preciso ser mais esperta que eles. Nesta hora, começo a rir e o cara fica sem graça, faço só para descontrair, pois não posso perder meus fregueses", explica ela enquanto um cliente a abraça e acariacia seus seios.

Os clientes de Samanta vão de jovens virgens a senhores mais velhos. "Muitos deles são casados e vêm me procurar de madrugada. Quando as esposas viajam, eles passam a noite comigo, e este programa rende mais um bom dinheiro, em torno de R$ 200,00 a R$ 250,00, para compensar os clientes que deixei de atender", explica. Quando questionamos sobre a preferência por sua companhia, ela afirma: "quem experimentou sempre volta".

Todo o dinheiro que ganha aplica em sua casa, que já esta pronta e mobiliada. Muitos dos móveis e eletrodomésticos foram dados de presente por seus clientes mais fiéis. Samanta pretende abandonar a profissão no próximo ano, pois esta namorando e vai montar uma vídeo locadora. "Pelo meu namorado eu saía dessa vida hoje, mas ele me entende e sabe que preciso de dinheiro para montar o meu próprio negócio" afirma.

Leonardo Boloni

"Tem gente que nos vê como um simples objeto sexual, mas é preciso ser mais esperta que eles"

issuu-downloader.com

Segurança e diversão

Um fator que diferencia as casas de encontro dos demais pontos de prostituição é a segurança. Túlio, cuja identidade completa ele preferiu não revelar, trabalha em uma destas casas. O segredo da sua função é conhecer bem o o cliente. Para evitar confusões, ele faz uma pré-seleção na entrada. Há 10 anos neste serviço, ele afirma que durante a Expozebu as casas passam a cobrar uma entrada, caso contrário, ficam lotadas de homens apenas entrando e saindo.

Quem toma conta do estabelecimento em que Túlio trabalha é dona Rosa, que há sete anos está no ramo. Antes era funcionária pública e cursou até o segundo ano de Administração. "Aqui ganho meu dinheiro com o aluguel dos quartos e a venda das bebidas", disse ela. Cada cerveja custa R$ 3,00 e as doses R$ 5,00. Os clientes sempre reclamam do preços abusivos e ameaçam até chamar o Procom (Programa de Defesa do Consumidor), como fez o jovem Flávio, que é tratador de gado e garante que está no local apenas para conhecer. Mas ele deixa escapar que já esteve em outras casas. "Só faço isso porque a minha namorada ainda é virgem e eu respeito ela" desculpa-se. Ele confessa que depois que sai destas casas, bate um arrependimento por ter gastado tanto ali ou ficado com determinadas garotas.

Paciente e cuidadosa, Samanta é daquelas que, além de ser profissional do sexo, dá uma de "psicóloga"

Rosa trabalha somente à noite e mora com sua filha, de 17 anos, próxima ao local de trabalho. Com o dinheiro, financiou os estudos de sua filha, que vai prestar vestibular para fisioterapia. "É um trabalho como qualquer outro", defende. Neste trabalho, os clientes são diversos de tratadores de gado a fazendeiros. Ela ressalta que até padres ela já recebeu. Isso mesmo!!! Padres fazendo sexo. "Já confirmei que realmente era padre, pois presenciei uma missa celebrada por ele aqui na cidade", garante. Ela ainda diz que de vez em quando chega alguns sacerdotes de fora para rezarem no local e ficarem bebericando umas cervejinhas. "Teve um dia que já estava fechando, quando chegou uma turma só para rezar, fiquei com eles até de manhã", lembra. Rosa afirma que regularmente eles (os padres) estão na casa procurando "diversão".

Sua casa oferece quatro quartos que custam R$ 10,00 reais por hora e cinco meninas que lá residem. Segundo Rosa, na época da exposição o movimento cresce 25%. Para este ano, ela espera uma melhora no movimento, apesar da expressão desanimada. Ela fala que o resultado destes anos de trabalho "só me trouxeram rugas e muitas veias arrebentadas", diz humorada. "O dinheiro que ganho é suficiente para pagar apenas as contas e enfrentar um monte de preconceito nas ruas da cidade. Meu trabalho aqui é alugar os quartos e vender bebidas", esclarece.

Uma das moças que trabalha na casa de Rosa é de rara beleza, seu nome é Luanda. Seu traços mais parecem os de uma guerreira de ébano. Esta guerreira tem força no sangue. Ela cortava cana em Igarapava, para sustentar seus dois filhos pequenos. Há seis meses resolveu vir para Uberaba. "O trabalho na lavoura não estava dando para manter as crianças", diz. Nas noites em que faz muitos programas, entre 13 e 15, ela precisa se preparar para não ficar indisposta. Para isso, usa a pomada de xilocaina, que tem efeito anestésico. Ela afirma que além de ganhar dinheiro, consegue sentir prazer. "Tem muito homem carinhoso e educado"disse.

Luanda também revela que muitos clientes só querem conversar e alguns chegam a chorar quando estão contando sua vida. Ela atende homens de 28 a 55, mas há um cliente de 75 anos. Os mais velhos, segundo afirma, querem apenas fazer sexo oral. Ela também atente homens e mulheres deste que estejam pagando bem, mas nunca atendeu casais. Ela deixa claro que com essa vida pode dar aos filhos tudo que ela não teve. "Meus filhos estudam em escolas particulares e tudo que eles querem eu tento dar". Luanda esta juntando dinheiro para realizar o sonho de comprar uma moto.

Ela comenta algumas situações engraçadas. "Outro dia uma mulher veio buscar o marido dela aqui na porta e aí foi um escândalo", ri.

Damas da avenida

Outro ponto muito freqüentado é a avenida Marcus Cherén. Entre várias mulheres espalhadas pelas esquinas, está Joana, 33 anos, esperando, às 0h40, seu moto táxi para levá-la de volta para casa. Ela não pode ficar durante a madrugada, pois trabalha como auxiliar de limpeza em um hospital, onde recebe cerca de R$ 220,00 que ajuda a manter seu filho adolescente. Está nas ruas há dois anos, cobra R$ 30,00 o programa completo. Ganha uma faixa de R$ 700,00 por mês e está nesta vida por necessidade.

Em outra esquina está Valéria, novata no mercado, somente a um mês. Ela disse que, se separou do marido, por ter sido traída. Hoje ela se vende para sobreviver. Sua estréia, segundo ela foi boa, ganhou cerca de R$ 1.200,00 neste período. Segundo ela, mesmo separada, seu ex-marido ainda a procura para atormenta-la.

A vez dos homens

Shirley é um rapaz forte, 22, de boa aparência, educado e inteligente. Descobriu seu lado homossexual aos 14 anos. Faz programas há dois anos e hoje já possui uma clientela fiel. Consegue faturar cerca de R$ 800,00. Ele atende pelo telefone, sua clientela é masculina. "Cobro R$ 30,00 por hora, faço papel de ativo e passivo, e tenho um cliente de 75 anos que me contrata duas vezes por mês, apenas para conversar", relata. "Em 30% dos casos eu sou ativo", garante.

Na sua lista de clientes tem homens casados que vão a procura de realizar suas fantasias. "Tem um cliente que reclama que sua esposa gasta muito dinheiro, aí ele me procura para relaxar".

Shirley mora com sua mãe e um irmão. Eles não aprovam o que faz, mas o compreendem. Ele trocou o dia pela noite. "A noite me atrai", diz enquanto arruma sua blusa, deixando seus largos ombros à mostra. Nesta profissão ele une o útil ao agradável. "Não é por necessidade, mas sou uma pessoa noturna e ainda ganho dinheiro", diz o rapaz maquiado.

Shirley passou no vestibular de medicina na Universidade de Uberaba, mas só cursou três meses e viu que não era aquilo que queria. Afirma não ter sofrido nenhum tipo de preconceito dentro da Universidade, mesmo com sua aparência feminina.

Prevenção

Todas as profissionais do sexo garantem que a procura pelo sexo sem camisinha é muito grande. "Chegam a oferecer o triplo de um programa normal para fazer sem", afirmam. Mas elas se previnem, pois muitas têm filhos para cuidar e não podem se arriscar assim. Rosa adotou um esquema para evitar que as garotas tenham este tipo de relação com os clientes. Junto do quarto, ela oferece os preservativos. "Mas o corpo é delas e elas fazem o que quiser". Embora Rosa oriente as garotas, não há como fiscalizar tais decisões. "Entre quatro paredes eles se entendem".

** Os nomes utilizados na reportagem são fictícios*

Leonardo Boloni

Shirley passou no vestibular mas só cursou três meses. Viu que não era isso que queria

issuu-downloader.com

Comunicação

Consumismo infantil é tema de paródia

André Azevedo
1º período de Jornalismo

A mídia tem empenhado sua força mais no sentido de induzir a criança ao consumo do que em educá-la para um mundo cada vez mais complexo. A partir dessa constatação, alunos do 3º período de Comunicação Social, orientados pela professora Janete Tranqüila, realizaram um trabalho em sala de aula onde parodiaram essa desproporção.

"A idéia é questionar essa persuasão forte sobre as crianças", diz Janete. Segundo a professora, a propaganda voltada ao público infantil é muito mais intensa e aparece muito mais vezes do que reportagens sobre assuntos da infância. "A imprensa deveria estar trabalhando a conscientização e incentivando o diálogo. Mas o que faz? Induz a comprar brinquedo!", afirma. Essa "overdose" de publicidade infantil estaria embaralhando a noção de prioridade e criando situações embaraçosas. "Por exemplo, hoje se vende de tudo na farmácia, até sorvete. A mãe vai comprar remédio com o menino e ele dá até birra querendo picolé", diz a professora.

As paródias firmam um posicionamento crítico dos estudantes perante os artifícios para induzir ao consumismo. Por serem frágeis, crianças são naturalmente suscetíveis às sugestões da propaganda. Por causa disso, em muitos casos são despertados desejos de consumo descabidos ao universo infantil.

Para produzir os anúncios, os alunos utilizaram as próprias fotos de quando eram crianças. A arte final foi feita por Lungas Neto, aluno do 7º período de Publicidade, especialmente para o Revelação. A professora Janete escolheu alguns trabalhos que considerou representativos, que são os seguintes:

Arte final: Lungas Neto

Larissa Melo

Diogo Sucupira

Lorena Morais

Carla Leão

issuu-downloader.com